

## **De paisagem desejada a paisagem obliterada: Estudo de Caso do Parque das Américas na Cidade de Catanduva - SP**

*From desired landscape to obliterated landscape: Case Study of Parque das Américas in the City of Catanduva - SP*

*Del paisaje deseado al paisaje borrado: Estudio de Caso del Parque das Américas en la Ciudad de Catanduva - SP*

**Larissa de Fátima Rosa**

Mestranda, UNESP, Brasil.  
larissa.rosa@unesp.br

**Norma Regina Truppel Constantino**

Professora Doutora, UNESP, Brasil.  
norma.rt.constantino@unesp.br

**Nilson Ghirardello**

Professor Doutor, UNESP, Brasil.  
nilson.ghirardello@unesp.br

## RESUMO

Este presente artigo tem como objetivo analisar, reconstruindo historicamente a paisagem do Parque das Américas na cidade de Catanduva. Com o emprego da metodologia histórica, foi possível identificar os diferentes momentos do Parque das Américas assim como também foi embasado no levantamento bibliográfico dos principais autores que tratam dos conceitos estudados neste trabalho. Dessa forma, a partir da leitura da paisagem bem como das transformações urbanas que levaram à essas transformações, foi possível identificar quatro diferentes momentos que o Parque se transfigurou: de paisagem desejada à paisagem obliterada, com o tamponamento do rio São Domingos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura e Análise da Paisagem. Parque das Américas. Catanduva-SP.

## SUMMARY

*This article aims to analyze, historically reconstructing the landscape of Parque das Américas in the city of Catanduva. With the use of historical methodology, it was possible to identify the different moments of Parque das Américas, as well as being based on the bibliographical survey of the main authors who deal with the concepts studied in this work. In this way, from reading the landscape as well as the urban transformations that led to these transformations, it was possible to identify four different moments in which the Park was transfigured: from a desired landscape to an obliterated landscape, with the plugging of the São Domingos River.*

**KEYWORDS:** Reading and Analysis of the Landscape. Park of the Americas. Catanduva-SP.

## RESUMEN

*Este artículo tiene como objetivo analizar, reconstruir históricamente el paisaje del Parque das Américas en la ciudad de Catanduva. Con el uso de la metodología histórica fue posible identificar los diferentes momentos del Parque das Américas, además de basarse en el levantamiento bibliográfico de los principales autores que abordan los conceptos estudiados en este trabajo. De esta manera, a partir de la lectura del paisaje y de las transformaciones urbanas que llevaron a esas transformaciones, fue posible identificar cuatro momentos diferentes en los que el Parque se transfiguró: de un paisaje deseado a un paisaje obliterado, con el taponamiento del São Río Domingos.*

**PALABRAS CLAVE:** Lectura y Análisis del Paisaje. Parque de las Américas. Catanduva-SP.

## 1 INTRODUÇÃO

O rio São Domingos permeia toda a cidade de Catanduva-SP, assim como os trilhos da Estrada de Ferro Araraquarense que correm paralelamente ao seu leito. Ao longo do tempo, o rio passou por grandes transformações, a partir da modificação do seu traçado natural acarretando intrinsecamente na alteração da paisagem da cidade.

Para melhor entendimento, é fundamental pontuar que Catanduva assim como a grande maioria das cidades do Oeste Paulista, integra uma rede de cidades que se originaram entre o final do século XIX e início do século XX. A conexão com a paisagem é essencial para Deffontaines (1938) que, ao analisar como se constituiu no Brasil a rede de cidades, verificou que no território paulista as ferrovias acompanhavam no geral as cristas entre as bacias fluviais – os espigões – e se distanciavam dos fundos de vale.

Nesse contexto, Monbeig (1984) afirma que as mesmas características geográficas são encontradas no Oeste Paulista e no Norte do Paraná, através do Trópico de Capricórnio, onde os espigões são adequados ao estabelecimento de estradas de rodagem e ferrovias.

Assim, segundo Constantino (2008), a conquista do Oeste Paulista e do Norte do Paraná, visando novas terras para o cultivo do café, fez com que emergissem muitas povoações, que posteriormente vieram a tornarem-se cidades de extrema relevância. Sendo assim, Leite (2007, p.58) afirma que a maioria das cidades paulistas abriu novas fronteiras para a apropriação econômica da terra, que foi marcada por dois motivos igualmente importantes: o café no mercado externo, instigando o deslocamento da população para novos limites, e a promulgação da Lei de Terras (1850), único documento que validava a posse da terra, antes atribuída através da concessão de sesmaria, sob pena de os posseiros serem punidos por apoderarem-se de maneira ilegal das áreas.

Leite (2007, p.60) relata que um atributo de inúmeros municípios paulistas no início do século XX era ser uma “boca de sertão”, termo que definia a última ocupação, entre um local mais velho e outro mais novo, aonde iam emergindo os povoamentos. A área onde aflorou a povoação de Catanduva era rodeada pela Serra de Jaboticabal e pela Cordilheira de Itaimbé, ficando no meio do caminho entre a vila mais antiga, Jaboticabal, e a mais nova, São José do Rio Preto.

A mesma autora relata que através dessas estradas transitavam incontáveis tropas de animais carregando cargas, e para abrigá-las foram aparecendo diversos pousos de tropas. Sendo que em um deles, então designado “cercado” ou “cerrado do porco”, que se fundou o povoado de São Domingos do Cerradinho, a origem do município de Catanduva.

É provável que parte do primeiro nome da povoação, tenha surgido do santo padroeiro, São Domingos e, o segundo nome, Cerradinho, remeta à vegetação da região, de mato cerrado. O santo foi o padroeiro da originária capela edificada à margem esquerda de um rio cujo nome remotamente era Japurá, sendo alterado posteriormente pelos geógrafos do Instituto Geográfico do Estado de São Paulo, quando desempenharam o trabalho de reconhecimento e nomeação de acidentes geográficos, rios e corredeiras. Dado que a capela de São Domingos era próxima ao rio, este foi denominado ribeirão São Domingos.

De acordo com Monbeig (1984, p.184), no ano de 1905 uma Comissão Geográfica teria desempenhado um trabalho de delimitação de terras em várias localidades do interior paulista, que, no entanto, sofria com a intensa prática de grilagem – impulsionada principalmente após a Lei de Terras (1850). Isso fez com que a averiguação da propriedade das terras dos migrantes se

tornasse extremamente difícil, pois muitas vezes os pioneiros utilizavam topônimos. No caso de Catanduva, ainda pairam dúvidas acerca dos primeiros migrantes do povoado.

Ghirardello (2002) afirma que, em sua maior parte, esses municípios foram procedentes de patrimônios originados por especuladores ou instituições habilitadas no processo de colonização e a sua posição era comumente estabelecida pelo traçado que a ferrovia tomava e a implantação da estação de trem.

Quanto à malha urbana dessas cidades, Silva (2003, p.155) declara que a essência do desenho das quadras e das ruas formadas era ~~quase~~ frequentemente o traçado ortogonal. Silva (2003, p.156) caracteriza que o traçado mais aplicado nessas cidades era o convencional formato ortogonal com uma praça no centro. Essa tipologia foi abundantemente empregada desde o período colonial no Brasil. Nas cidades da fronteira do século XIX o plano ortogonal foi amplamente utilizado, dado que a maioria dessas cidades teve surgimento a partir dos patrimônios de cunho religioso.

Foi o que aconteceu também na cidade de Catanduva, pois ainda na condição de vila, seguia um Código de Posturas da cidade a qual era subordinada (no caso São José do Rio Preto), adotando a quadrícula em sua malha urbana. E com a chegada da ferrovia esta foi responsável pelo crescimento urbano atraindo para suas proximidades indústrias que beneficiavam a matéria-prima, estabelecimento de comércios, serviços, instituições bancárias, hoteleiras, dentre outras inúmeras condicionantes.

Por volta de **1905** as obras de instalação da Estrada de Ferro Araraquara foram iniciadas para atingir a Vila, cujos trilhos foram inaugurados em 01/05/1910, com grande comemoração e enaltecimento ao “triumfo e progresso”. Leite (2007, p.62) aponta que uma das principais conquistas dos moradores da região foi a alteração do status de Paróquia para o de Vila, por intermédio da Lei nº 1186 de dezembro de 1909. A partir desse desfecho é que o progresso econômico da cidade de Catanduva foi impulsionado. O estabelecimento dos trilhos representava modernização e progresso, pois segundo Monbeig (1984, p. 348-363) esta foi imprescindível para a amplificação da fronteira agrícola com a decorrência interiorização do desenvolvimento, abrangendo regiões distantes do Estado de São Paulo. A essência desse processo foi a expansão cafeeira e as vilas contempladas pela ferrovia, denominadas “pontas de trilhos”, que devido a condição vantajosa se transformavam em capitais regionais. A ferrovia possibilitou a ampliação do volume de comércio, favorecendo o transporte do café e de outras mercadorias, assim como a chegada de novos habitantes.

A Vila avançava e conforme esse progresso continuava as terras ao seu redor eram ocupadas com plantações de café e ramais ferroviários. Leite (2007, p.63) cita que no entorno, em razão da cafeicultura e nos locais mais próximos do núcleo urbano, a dinamização da economia fez surgir hotéis, casas bancárias, além de vários estabelecimentos de comércio e serviço.

O desenvolvimento da Vila, como relatou Queiroz (1976, p.39), possibilitou a urbanização de um local anteriormente inacessível, onde poderia ser implantada a Câmara e demais órgãos públicos, a arena política, o centro do poder local e do embate entre os senhores de terras, a elite política e os coronéis, por vezes personagens que transitavam por mais de uma dessas esferas de poder.

Assim, com a gradual e crescente modernização da Vila, como indica Leite (2007, p.91) era necessário torná-la município. Alterar a configuração e emancipar politicamente uma Vila era um objetivo realizável somente através de grande esforço e empenho de inúmeras pessoas, que,

unidas, teriam influência para conduzir a proposta ao governo estadual. Através desse esforço em conjunto, em abril de 1918, no contexto da Primeira República (1889-1930), o município de Catanduva foi estabelecido após a efetivação da primeira eleição municipal.

Cabe ressaltar que na década de 1950, grande parte das cidades brasileiras, inclusive as paulistas, passaram por um momento de transformação no urbanismo com a participação de profissionais de outras áreas, emergência de novos temas, como a questão regional, e a introdução de novos métodos de intervenção (Leme, 1999, p.32; Somekh & Campos, 2002, p.96).

Com isso, Sakata (2006) cita que um novo grupo de urbanistas, formados na década de 1930 pelas escolas de engenharia, atingiram de forma definitiva os quadros das prefeituras, trabalhando em equipes multidisciplinares.

Leme (1999), em seu livro “A Formação do Urbanismo do Brasil, 1895-1965”, identificou três momentos do urbanismo no Brasil: o primeiro, de 1895 a 1930; o segundo, de 1930 a 1950; e o terceiro, até 1964. Já Villaça (1999) no livro “O Processo de Urbanização no Brasil” define o Período dos Planos, fragmentado em fases: de 1930 a 1965; de 1965 a 1971; e de 1971 a 1992.

Na fase de 1895 a 1930 foram apresentados e executados melhoramentos pontuais, em partes das cidades, intitulados de planos de melhoramentos e embelezamentos principalmente nas áreas de produção ou de localização da elite da época (Leme, 1999, p.22; Villaça, 1999, p.197).

Com isso, Leme (1999) cita que o modelo eram as grandes reformas das cidades europeias do século XIX, Paris e Viena. O foco central era o método e a estética aplicados em alguns projetos, como nas áreas centrais. Assim, a expressão “melhoramentos” era empregada tanto para denominar questões relativas ao projeto quanto para a construção de obras de infraestrutura, projetos e ajardinamento de praças e parques.

Em Catanduva, os chamados Planos de Melhoramento e Embelezamento ocorreram tardiamente. Foi na administração do Prefeito João Lunardelli (24/05/1941 a 05/09/1943) que a área de várzea do rio São Domingos foi transformada em parque, intitulado de Parque das Américas, tendo suas obras iniciadas em 04/01/1943. De fato, o Parque das Américas, com suas três quadras, tornou-se um dos parques mais bonitos do interior, um verdadeiro cartão postal (Boletim Só 10, 2006).

## **2 OBJETIVOS**

Dado o exposto, o presente artigo tem como objetivo principal analisar, reconstruindo historicamente a paisagem do Parque das Américas na cidade de Catanduva, que ao longo dos anos deixou de ser uma paisagem desejada e tornou-se uma paisagem obliterada.

## **3 METODOLOGIA**

Para a elaboração do artigo, a metodologia empregada foi o método histórico, tendo como estudo de caso o Parque das Américas situado na cidade de Catanduva. Dessa forma, a pesquisa foi desenvolvida em três etapas, sendo a primeira o levantamento bibliográfico por meio de consulta de livros, periódicos, dissertações e teses e demais produções acadêmicas.

Também nesta etapa, para a compreensão de relação entre rio e cidade foram consultados autores que tratam da paisagem em suas mais diversas perspectivas e interpretações, como Besse (2014), verificando os planos e projetos existentes (implantados ou não) para a área de

estudo, pois para Besse, (2014, p.58) o solo é o efeito da construção histórica e tem memória, assemelhando-se a um palimpsesto.

Nesse sentido, primeiramente é necessário compreendermos a definição da paisagem. Segundo a Convenção Europeia da Paisagem (2000), a “paisagem designa uma parte do território, tal como é percebida pelas populações e cujo carácter resulta da ação de fatores naturais e/ou humanos e das suas interrelações”.

Assim, ao estudar paisagem, Besse (2014, p.31) propõe analisar como o espaço foi organizado pela sociedade, pois para ler a paisagem é necessário compreender os modos de organização do espaço. Ou seja, a paisagem é um espaço social. Ainda segundo Besse (2014), as atividades humanas assentam-se no solo e o transformam. Portanto, a paisagem não é um simples aglomerado de espaços organizados coletivamente pela sociedade. Também é uma sequência de rastros que se sobrepõem no solo e constituem “sua espessura tanto simbólica quanto material” (Besse, 2014, p.33).

Para embasar a análise da paisagem desejada e da paisagem obliterada, foi consultado Yamaki (2013) que adota a metodologia da leitura da paisagem cênica e etnográfica, onde são consideradas questões importantes como a toponímia, os aspectos simbólicos no plano e as sobreposições de camadas. Para o autor, a paisagem etnográfica reflete um sistema de valores, significados e visões do mundo compartilhado por um grupo de pessoas.

A segunda etapa consistiu no levantamento e na sistematização de dados. Os mapas e levantamentos cartográficos existentes e elaborados pelos autores possibilitaram uma compreensão espacial do Parque das Américas. E, a terceira etapa compreendeu a análise crítica das informações obtidas.

## **4 RESULTADOS**

Segundo Constantino (2014), a paisagem é um território construído e modificada pelo ser humano, um lugar ou uma região na qual a história dos homens é perceptível e “onde foram deixados traços, memórias de uma atividade produtiva, sinais de infraestrutura, monumentos arquitetônicos ou espaços”. Traços que não só permanecem por muito tempo, mas que impactam precisamente as etapas de crescimento e de transformação das cidades, do território e da paisagem. “Ler a paisagem é extrair os modos de organização do espaço” (Besse, 2014, p.31).

Historicamente, sabe-se que Catanduva surgiu em meados dos anos 1850, em terras que pertenciam ao município de Araraquara. Inicialmente foi conhecida por Cerradinho, depois recebeu o nome de Vila Adolpho, numa homenagem ao Coronel Adolfo, influente político. Com a chegada da Estrada de Ferro em 1910 e o progresso da vila, foi criado o município de Catanduva.

Na figura 1, uma imagem de Catanduva em 1939-1940 onde se observa a área de estudo: a quadrícula interrompendo-se na medida em que se aproxima da várzea do rio São Domingos onde foi implantado o Parque das Américas em 1943, atualmente uma paisagem obliterada.

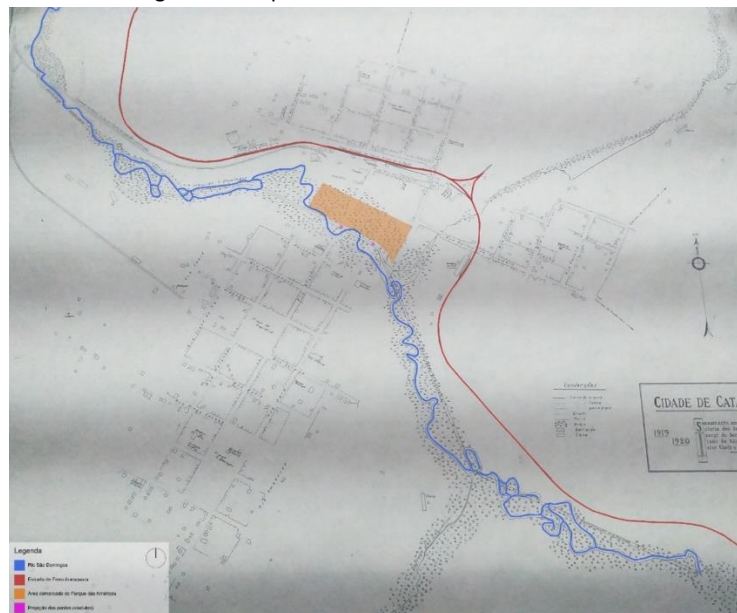
Figura 1 – Catanduva 1939-1940



Fonte: Coleção de fotos oblíquas IGC (1939-1940). Modificado pelos autores. Disponível em: [http://www.igc.sp.gov.br/produtos/arquivos/aerofotos/Catanduva\\_3781.jpg](http://www.igc.sp.gov.br/produtos/arquivos/aerofotos/Catanduva_3781.jpg). Acesso em: 10 jan. de 2024.

## 4.1 Estudo de caso: Parque das Américas

Figura 2 – Mapa da cidade de Catanduva de 1920



Fonte: Museu Padre Albino, reprodução do mapa de 1920. Modificado pelos autores.

Segundo o professor e jornalista Geraldo Corrêa (pseudônimo Carrêgo), no ano de 1915 os colonos japoneses plantavam arroz na várzea do Rio São Domingos (Jornal A Cidade, 1946). Com o passar do tempo, começaram a trazer carrocinhas com terra para iniciar o processo de aterramento do denominado “brejão”. Esta primeira tentativa de aterro tinha a finalidade de criar um caminho para acessar a Estação Ferroviária e o Cine Central.

Através do relato do Padre Albino em entrevista à Rádio Difusora em 14/04/1958, é possível compreender como era a paisagem de Catanduva em 1918.

O atual Rio São Domingos era então um extenso brejo, onde os japoneses depois de cortar a taboa e matarem as cobras, plantavam arroz, que dava boas colheitas. No tempo seco, a água do córrego era tão pouca que, havendo na cidade dois coches<sup>1</sup> ou carros de cavalos para passageiros, eles passavam de um lado para o outro dela, sem ponte e o povo pulava os pequenos regatos ou eles tinham uma pinguela ou tábua grossa onde se atravessava, sem perigo de molhar-se. (Boletim Só 10, p.06, 2006).

Dessa forma, pela figura 2 observa-se o quadriculado contínuo na planta da cidade de Catanduva de 1920, onde a várzea do rio São Domingos permanece intacta sendo transposta em três pontos para o acesso aos bairros que se situavam na outra margem, após a transposição da linha férrea.

Figura 3 – Mapa geral da cidade de Catanduva de 2019 com ampliação da área do estudo de caso



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Assim, podemos observar que os primeiros bairros na cidade de Catanduva eram um pouco afastados da várzea do Rio São Domingos, porém mantendo algumas características: a área tendo uma declividade suave, local servido de água límpida para consumo e o traçado em forma de quadrícula. Cabe a ressalva de que naquela época o Rio São Domingos ainda não estava retificado e possuía vários meandros.

Segundo o memorialista Sérgio Luiz de Paiva Bolinelli (Boletim Só 10, 2006), no ano de 1918 quando da instalação do Município, um dos principais pontos da administração foi sanear a várzea do Rio São Domingos, para evitar a disseminação da malária e dar ensejo para que Catanduva progredisse.

Cabe salientar que na maioria das cidades que surgiram com a implantação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil conforme Ghirardello menciona em seu livro “A Beira da Linha: formações urbanas da Noroeste Paulista”, tendo como exemplo a criação do traçado da cidade de Lins:

“A Estação de Albuquerque Lins, quilômetro 151 da CEFBOB, inaugurada em 1908, deu origem à cidade de Lins. Sua esplanada era uma das mais longas da Companhia, excedia meio quilômetro de extensão e 120 m de largura máxima. A esplanada também nesse caso foi estabelecida paralela à meia-encosta de um córrego denominado do Carvalho e a Estação implantada na cota 396,40 m acima do nível do mar”. (Ghirardello, 2002, p. 192).



Ou seja, nessas maiorias das cidades e inclusive no exemplo citado acima o córrego cortava a área que ficava atrás da esplanada ferroviária. Em contrapartida, na cidade de Catanduva o “brejo” fica em frente à ferrovia, situação essa muito peculiar.

Ainda boletim citado, já no ano de 1919, o Prefeito Silvio Salles foi o responsável pelo primeiro aterramento da várzea do Rio São Domingos, onde “cerca de 80 trabalhadores portugueses, além de incontáveis carrocinhas carregadas por burros, deram conta do serviço.” (Boletim Só, 10, 2006). Assim, nas palavras de Silvio Salles

“Este é um grande serviço que o Estado vem prestar ao novo Município, recém instalado, alcançando mercê aos trabalhos do Sr. Adalberto Netto e companheiros junto ao Presidente Altino Arantes. Este aterro vai oferecer a Catanduva, numa força de expressão, muita saúde, pois, o serviço vem sendo executado com toda a atenção e capricho”. (Boletim Só 10, 2006, p.06).

Mesmo com o aterramento da várzea, o problema dos alagamentos não foi resolvido. Outra solução, conforme o boletim informativo: “Não havia jeito. Apelou-se para o Sr. Eucalipto. A várzea muito cedo se transformou num bosque e a terra foi secando” (Boletim Só 10, p.07, 2006).

O plantio de eucalipto já vinha sendo recomendado desde 1903 para a drenagem do solo, segundo Dean (1996). Algumas espécies de eucalipto foram plantadas no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul entre 1825 e 1870. “Esses plantios iniciais, contudo, destinavam-se a fins sanitários e medicinais. O eucalipto absorve água em grande quantidade; tinha capacidade, portanto, de absorver água parada, reduzindo, assim, as populações de mosquitos. Seus óleos aromáticos eram dotados de qualidades desinfetantes e curativas”. (Dean, 1996, p.251).

As pesquisas atuais confirmam que o consumo de água é um dos temas mais recorrentes sobre os impactos da eucaliptocultura<sup>1</sup>. No entanto, para Rodrigues et al. (2021) o plantio de eucaliptos deve ser evitado ao longo dos corpos d’água.

---

<sup>1</sup> Atualmente, “essa demanda pode ser avaliada tanto em termos de consumo total de água/ano em comparação a outras espécies vegetativas, quanto de eficiência do uso da água que se refere à quantidade de biomassa produzida por unidade de água consumida na transpiração”. (Rodrigues et al., 2021, p.79). Os autores completam a análise, apresentando tabelas comparativas onde observa-se que “o consumo de água/ano pelo eucalipto é pouco discrepante em proporção ao de outras culturas, como por exemplo, a do café e a da cana de açúcar”. Para os autores, “nas MBH o lençol freático é normalmente mais baixo e é nestas áreas que estão localizadas as zonas ripárias que compreendem as margens e as cabeceiras de drenagem. Essas zonas oferecem serviços ambientais essenciais para a saúde da microbacia, pois contribuem tanto para a conservação dos ecossistemas aquáticos quanto dos recursos hídricos em relação à vazão e à qualidade da água.” (Rodrigues et al., 2021, p.82).

Figura 4 – Rio São Domingos em 1919



Fonte: Catanduva Cidade Feitiço, 2018. Disponível em:

<https://www.catanduvacidadefeitico.com.br/post.php?post=2471>. Acesso em: 04 fev. de 2024.

Na década de 1940, após algum tempo, a várzea foi secando, os bois e os cavalos das carrocinhas deixaram de beber água no trecho da rua Pará e os eucaliptos foram cortados. Na administração de João Lunardelli, deu-se continuidade ao processo de aterramento e a construção das pontes de cimento, num acordo realizado entre a Prefeitura Municipal e a Estrada de Ferro.

O mesmo Boletim (2006) apresenta alguns relatos de cidadãos catanduvenses colhidos naquela época:

“Um bom catanduvense opinou um dia ao redator da “A Cidade”: - ‘Estamos sufocados de calor. A cidade precisa de pulmões para respirar. Que se faça ali um jardim. Sim. Um grande pulmão’. A ideia foi aprovada pelo Rotary Clube que a endereçou ao Prefeito. Este decidiu: que se faça um jardim. E o dedo de Silvio Salles voltou ao varjão. Completou o aterramento. Surgiram ainda outros palpites. Mas o administrador já via o povo respirar de contente. Continuou a obra. O comércio e o povo deram bancos para o logradouro que hoje embasbaca o forasteiro com sua beleza. E tudo vai sendo concluído com aquele amor com que o primeiro empreiteiro se lançou à solução do grave problema urbano. Ele começou, ele terminará a grande obra. E aí está o Parque das Américas com sua magnificência, cada vez mais atraente. Tão bonito que as águas das chuvas resolveram não inundar mais o velho varjão, admirado que estão com sua transformação” (Boletim Só 10, 2006, p.08).

Assim, o início da implantação do Parque das Américas ocorreu em janeiro de 1943, sendo este idealizado pelo Prefeito João Lunardelli (24/05/1941 a 05/09/1943) e realizado, em sua maior parte, pelo Prefeito Silvio Salles (13/09/1943 a 31/01/1947) (Boletim Só 10, p.08, 2006).

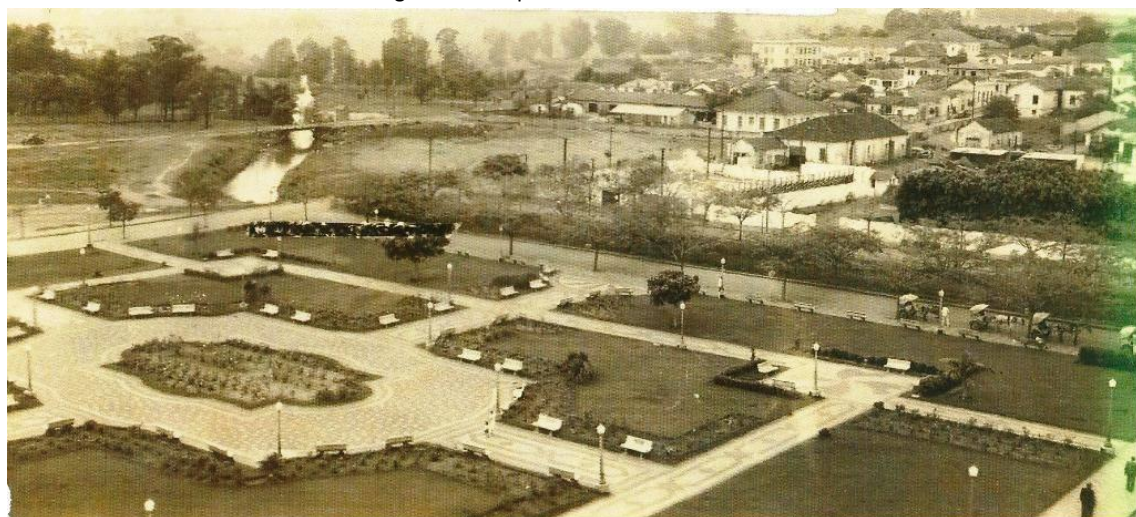
Figura 5 – Projeto do Parque das Américas (autoria desconhecida)



Fonte: Acervo do Museu Padre Albino, 2022.

O rio São Domingos foi retificado, ladeado por duas pistas para veículos, com calçadas arborizadas. O projeto compreende três quadras entre o rio e a área central urbanizada, sendo que a continuidade da várzea permaneceu sem tratamento. A estruturação do parque é definida pelos seguintes aspectos: a implantação de formas geométricas marcantes; a presença de amplos espaços gramados e arborizados; a definição de vias para passeio de pedestres; o edifício para uma escola municipal. Percebe-se que a continuidade das vias respeita o traçado ortogonal, e que a criação do Parque era um meio de interligação entre as vias principais que ladeavam o perímetro da área como a Rua Brasil. Porém, autor do Projeto do Parque das Américas não foi identificado até o presente momento.

Figura 6 – Parque das Américas em 1949



Fonte: Catanduva Cidade Feitiço. Disponível em:

[http://www.catanduvacidadefeito.com.br/site/exibemateria.php?noticia\\_id=144](http://www.catanduvacidadefeito.com.br/site/exibemateria.php?noticia_id=144). Acesso em: 29 de nov. de 2022.

O Parque das Américas começou a sofrer as primeiras descaracterizações, sofrendo acréscimos a partir de 1955. Segundo o Boletim Só 10 (2006) o primeiro acréscimo foi a construção de um edifício, sendo inaugurado em 11 de outubro de 1955, para o Parque Infantil “Elizabeth Felipe Miziara”. Sua construção ocorreu na administração do Prefeito Ítalo Zacarro (1952-1954) com inauguração na gestão de seu vice, ocupando o cargo, Carlos Machado.

Conforme o mesmo Boletim, o segundo acréscimo foi a construção do “Pedestal das Bandeiras”, iniciativa do Rotary Clube de Catanduva, para que houvesse um lugar adequado para as comemorações de festas cívicas e datas comemorativas.

Houve também uma mudança significativa no ano de 1964, o prédio onde funcionava o Parque Infantil “Elizabeth Felipe Miziara” estava desocupado pela saída da escola. O Presidente da Câmara Municipal decidiu instalar uma sede própria onde funcionava a antiga escola, tendo em vista que o Legislativo da cidade funcionava no segundo andar do prédio da Associação Comercial e Industrial de Catanduva. (Boletim Só 10, 2006, p.09).

Já no ano de 1970, houve outra mudança, porém, não relacionada aos acréscimos e sim à denominação do espaço público. Na Câmara Municipal de Catanduva foi aprovado em sessão, conforme indicação do vereador Lúcio Cacciarri, que seria denominada “Conde Francisco Matarazzo”, a primeira quadra do Parque das Américas.

Anos mais tarde (1977) houve outra modificação no Parque das Américas. O prédio onde estava instalada a Câmara Municipal (o antigo prédio do Parque Infantil “Elizabeth Felipe Miziara”) foi demolido para a construção de um novo edifício para abrigar o Fórum da cidade (Jornal O Regional, 2014).

No início de 1980 foram construídos os prédios da Prefeitura Municipal de Catanduva e da Câmara Municipal, durante o primeiro mandato do prefeito Warley Agudo Romão. Muitos vereadores foram contra a essas construções, pois congestionariam o trânsito além de causarem a diminuição das áreas verdes da cidade. O então Prefeito argumentou que ao construir esses edifícios em outra parte da cidade causaria dificuldades de locomoção dos moradores de outros bairros e que era possível estacionar ao redor do Parque das Américas. A construção da Câmara Municipal foi concluída em 1979 e da sede da Prefeitura Municipal em 1982 (Jornal “A Cidade”).

Figura 7 – Imagem aérea mostrando os novos edifícios implantados no parque: Prefeitura, Câmara, Terminal Urbano e Fórum



Fonte: Google Eath, 2024. Modificado pelos autores.

Ao longo do tempo e dos acréscimos, a paisagem do Parque das Américas foi sendo alterada, deixando de existir, sendo desmembrado em três praças: Praça Central, Praça do Fórum e Praça do Paço Municipal, como pode ser observado na figura 9.

O projeto paisagístico das praças Central, do Fórum e do Paço Municipal foi elaborado pela arquiteta paisagista Rosa Kliass. Já a remodelação do Terminal Urbano tem o projeto assinado pelo arquiteto Sérgio Teperman (Extraído da edição n. 374 da Imprensa Oficial do Município de Catanduva).

Com o projeto, as três praças que compõem o Parque das Américas ganharam o aspecto de unidade, apresentando o mesmo layout, com piso, equipamentos e vegetação padronizadas (Figura 9). No entanto, o rio São Domingos está ausente da paisagem, assim como foram apagados os rastros do antigo Parque das Américas. Como Ecléa Bosi escreveu, as lembranças têm “assento nas pedras da cidade que enquanto permanecem, sustentam a memória. Quando os lugares desaparecem, são substituídos, renovados, esta ligação se desarticula, mas permanece em nós como carência”. (Bosi, 1983, p.362). Nesse sentido, a paisagem compreende também as pegadas (os rastros) deixadas pelo homem no território e, ao mesmo tempo, as pegadas deixadas pelo território na memória do homem (Berque, 2004).

Figura 8 – Projeto paisagístico de Rosa Kliass para as praças Central, do Fórum e do Paço Municipal



Fonte: Revista AU, ano 30, n. 253, abril de 2015.

Este projeto foi caracterizado como uma remodelação, contendo uma linguagem comum para as três praças como jogos geométricos de faixas de piso em granito rústico, além de que a paginação de piso estrutura a disposição de canteiros com vegetação e peça de mobiliário. Houve também pavimentação em pedra portuguesa com “ilhas” de paralelepípedo, convidando os usuários a desacelerarem, e estas ilhas situam-se próximas aos bancos.

#### 4.1 Leitura e Análise da Paisagem

Lendo a paisagem do Parque das Américas podemos considerar vários momentos: Idealização, Evocação, Obliteração e Superimposição. Esta sucessão de camadas revela os inúmeros momentos de afirmação e negação na interação com a paisagem.

Primeiramente, segundo Yamaki (2013) na *Paisagem Idealizada*, devemos considerar variáveis como localização, relevo, disponibilidade de água e drenagem. A ocupação inicial da várzea foi para o plantio de arroz (1915). Assim, na primeira fase o rio São Domingos foi o

principal elemento, seguido pelo quadriculado da malha urbana e as rotas antigas de passagem ou de acesso à área urbanizada. A necessidade de ocupar o solo e a preocupação com a saúde pública levou ao aterramento da várzea (1919) e posteriormente ao plantio de eucaliptos (1930).

Já na *Paisagem Evocada* (Yamaki, 2013), a construção de edificações-chaves, como igreja, escola e hospital, destacam-se no traçado urbano quadriculado, interrompido ao encontrar as várzeas do rio São Domingos. No início da década de 1940 a administração municipal e a população almejavam a implantação de um parque na área entre o rio e o centro da cidade: o Parque das Américas.

Nas décadas seguintes aconteceram situações divergentes, como o abandono e a destruição/substituição de edificações e espaços livres, acarretando na perda do significado da paisagem para os habitantes da cidade, através dos diversos acréscimos que ocorreram no Parque. No espaço livre público foram construídos: escola em 1955 (depois Câmara municipal em 1964 e depois Fórum em 1977), Câmara Municipal em 1979 e Paço Municipal em 1982. Enfim, uma *Paisagem Obliterada*, conforme Yamaki (2013).

E, na *Paisagem Superimposta*, existe a superimposição de uma construção, acarretando em significados não explorados pelos habitantes da cidade. No caso do Parque das Américas, houve a remodelação total do parque, subdividido em três praças com a construção do Fórum, da Prefeitura e da Câmara.

Quadro 1 – As transformações da Paisagem do Parque das Américas

Paisagem do Parque das Américas	
<b>PAISAGEM IDEALIZADA</b> (Inicial/instantânea)	Plantação de arroz na várzea do rio São Domingos (1915)
	Aterramento da várzea do rio São Domingos (1919)
	Plantação de eucaliptos na várzea do rio São Domingos (1930)
<b>PAISAGEM EVOCADA</b> (Moldagem/construção)	Implantação do Parque das Américas (1943)
<b>PAISAGEM OBLITERADA</b> (Transformação/perdas de significado)	Primeiro acréscimo: Parque Infantil “Elizabeth Felipe Miziara” (1955)
	Construção do Pedestal das Bandeiras (1955)
	Antigo prédio da escola passou a ser utilizado pela Câmara Municipal (1964)
	Alteração do nome da primeira quadra do Parque das Américas para Praça “Conde Francisco Matarazzo” (1970)
	Demolição do antigo prédio da Câmara Municipal e construção do Fórum (1977)
	Construção do Paço Municipal – Câmara (1979)
<b>PAISAGEM SUPERIMPOSTA</b> (Nova transformação)	Construção do Paço Municipal – Prefeitura (1982)
	Remodelação do Terminal Urbano “Gerson Garbas” (2012)
	Remodelação do Paço Municipal – Câmara (2012)
	Remodelação do Paço Municipal – Prefeitura (2012)
	Remodelação do Fórum – Prefeitura (2012)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023. Baseado em Yamaki (2013).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo foi adotada uma abordagem iconográfica onde foi analisado um conjunto de fotografias históricas e mapas a fim de reconhecer a paisagem do Parque das

Américas em Catanduva-SP. Nesse sentido, concordamos com Besse (2014, p.21) quando apresenta a ideia de que a paisagem “é um texto humano a ser decifrado”, considerando que toda paisagem é cultural, por ter sido “produzida dentro de um conjunto de práticas (econômicas, políticas sociais) e segundo valores que, de certa forma, ela simboliza”. (Besse, 2014, p.30).

A área, inicialmente uma várzea inundável, recebeu os primeiros plantios. E em 1943 foi implantado o Parque das Américas, inicialmente uma paisagem idealizada, um espaço verde público urbano, ao lado do rio São Domingos, que já estava sendo canalizado.

No entanto, a paisagem é dinâmica e se transforma com o passar do tempo, pois “as atividades humanas se inscrevem no solo e o transformam” (Besse, 2014, p.33). Ao longo de várias décadas o parque foi se modificando, recebendo novos edifícios, sendo subdividido em três praças. Mas essas transformações deixaram rastros ou pegadas, que ficam marcadas na memória dos habitantes.

A leitura da paisagem é complexa e contemporiza inúmeras abordagens. Portanto, ao caracterizar a paisagem inicial idealizada, a paisagem evocada ou referenciada, a paisagem obliterada e por fim, a paisagem superimposta, buscou-se analisar as transformações da paisagem do Parque das Américas, o objetivo inicial da pesquisa.

Na medida em que a memória e a identidade estão intimamente ligadas ao uso de um determinado lugar, essa situação afetou a sensação de pertencimento e a memória coletiva da população, a qual deixou de usar ou estabelecer experiências com o espaço público, dificultando sua conservação ou requalificação.

O rio São Domingos continua não tendo visibilidade na paisagem da área de estudo. Segundo informações obtidas, a recuperação completa do rio “pode estar próxima a ser atingida a partir da implantação da Estação de Tratamento de Esgotos de Catanduva em 2015, que já opera com licença espedida pela Companhia Estadual de Saneamento Ambiental – CETESB”.<sup>2</sup> Nesse sentido o Parque das Américas poderia renascer, incorporando o restante do fundo de vale do rio São Domingos em área urbana, tornando Catanduva uma cidade mais sustentável e com melhor qualidade de vida.

## 6 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BESSE, J. M. As cinco portas da paisagem. In: BESSE, J.M. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014. p.11-66.

BERQUE, A. Paisagem, meio, história. In: BERQUE, Augustin. Cinco propostas para uma teoria da paisagem. Trad. Vladimir Bartolini. São Paulo: FAUUSP, 2013. p.31-42.

BOSI, E. Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos. São Paulo: Queros, 1983.

CONSTANTINO, N.R.T. A construção da paisagem de fundos de vale em Bauru. In: FONTES, M.S.G.C.; GHIRARDELLO, N. **Olhares sobre Bauru**. Bauru: Canal 6, 2008, p. 21-32.

CONSTANTINO, N.R.T. **A inserção dos rios no tecido urbano do Oeste Paulista**. In: VI PLURIS14, 2014. VI Congresso Luso-Brasileiro para Planeamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável: Re-inventar a cidade em tempos de mudança. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014. v. 1. p. 2555-2566.

---

<sup>2</sup> Ver mais em: <https://ivanmaglio.wordpress.com/2019/05/29/a-canalizacao-do-rio-sao-domingos-na-area-urbana-de-catanduva-2/> Acesso em 20 fev. de 2023.

DEAN, W. **A Ferro e Fogo: a história e a devastação da mata Atlântica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GHIRARDELLO N. **À beira da linha, formações urbanas da Noroeste paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LEITE, Sílvia Ibiraci de Souza. **Os italianos no poder, cidadãos catanduvenses de virtude e fortuna: 1918-1964**. 2007. 210f. Dissertação (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Araraquara, 2007.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, Polis, 1984.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfa Omega, 1976.

RODRIGUES, G.S.S.C. et al. **Eucalipto no Brasil: expansão geográfica e impactos ambientais**. Comoser/FAPEMIG/UFU, 2021.

SILVA, Rachel Coutinho Marques da. **“O Urbanismo das Novas Cidades da Fronteira Paulista, 1890-1950.”** Em *Urbanismo em Questão*, organizado por Denise Pinheiro Machado, Margareth da Silva Pereira e Rachel Coutinho Marques da Silva, 147-171. Rio de Janeiro: Editora PROURB, 2003.

YAMAKI, Humberto. **Leitura de Paisagem Etnográfica - Estudo de Caso do Patrimônio Heimtal e Assahilândia no Norte do Paraná**. In: 14 EGAL, 2013, Lima PERU. Anais do 14 EGAL.